

HISTÓRIA DA ARTE NO PERÍODO DA DITADURA MILITAR NO BRASIL (1964-1985)

*ART HISTORY IN THE PERIOD OF THE MILITARY DICTATORSHIP IN BRAZIL
(1964 - 1985)*

Liziane Nolasco Fonseca
Mestranda/ UFPel-FaE-PPGE
lizi.fonseca@gmail.com

Eduardo Arriada
Professor Doutor – UFPel-FaE-PPGE
earriada@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo possibilitar uma pesquisa a respeito de como o poder militar influenciou sobre o sujeito em formação na época da ditadura militar no Brasil, dando ênfase aos meios de expressão, frente à censura da ditadura, almeja-se compreender esse período marcante para o país no que tange ao exercício da educação. Partindo da expressão artística, como registro de um tempo, como meio de estudo historiográfico que embasa este trabalho, por ora, de caráter inicial, toma-se como meio de pesquisa as obras de artistas da década de 1970, que por estarem descontentes com a realidade da época, expressam suas ideias em obras de protesto, como uma arte que denuncia a realidade do regime militar, da criação de uma legislação autoritária para o campo educacional, numa dada época que pressupõe censura às produções artísticas.

Palavras-chave: Arte e educação. Ditadura militar no Brasil. Produções Artísticas.

ABSTRACT/RESUMEN

This paper aims to enable a research on how the military power influenced the subject in formation at the time of the military dictatorship in Brazil, emphasizing the means of expression, against the dictatorship censorship, aims to understand this remarkable period for the country regarding the exercise of education. Starting from the artistic expression, as a record of a time, as a means of historiographical study that underlies this work, for the time being, of an initial character, it is taken as a means of research the works of artists of the 1970s, who were unhappy with the reality of the time, express their ideas in works of protest, as an art that denounces the reality of the military regime, the creation of authoritarian legislation for the educational field, at a given time that presupposes censorship of artistic productions.

Keywords: Art and education. Military dictatorship in Brazil. Artistic productions.

1. As produções artísticas e o sentimento de repressão no período da ditadura militar.

O campo das artes plásticas, por sua própria história, foi o que mais assumiu esse ideal de ruptura e transgressão, tanto estética quanto comportamental. Era preciso criticar o regime autoritário e buscar novos modos de produção artística e de ocupação dos circuitos de exposição das obras, indo além dos limites de galerias e museus. As artes visuais assumiram primeiramente uma forma crítica e reflexiva a esse contexto histórico, na forma de um questionamento de seus próprios meios de criação.

Sem se preocupar em transmitir mensagens fáceis e diretas através das obras, os artistas plásticos brasileiros reinventaram a vanguarda e o próprio sentido do engajamento político contra o regime militar. A única regra era a experimentação e a liberdade. Mesmo nos anos 1970, quando esse ímpeto de transgressão começou a refluir, as artes plásticas continuaram desafiando o conservadorismo do regime e a carece dos olhares convencionais sobre as representações do mundo. A resistência à ditadura, nesse campo, começava pela reeducação do olhar.

Os artistas experimentavam radicalmente outras linguagens. A chamada “nova figuração” adaptou a pop art norte-americana para fazer críticas ao imperialismo, à cultura de massa e ao autoritarismo. Após o AI-5, com o endurecimento da censura, houve o radicalismo das propostas artísticas, com o que se habituou a chamar de “arte conceitual”. Novas formas de expressão foram criadas. Um artista não tinha mais uma forma limitada de atuação, como por exemplo, a pintura ou escultura. Performances, cartazes, pichações e até produtos industrializados modificados passaram a compor o catálogo das artes brasileiras. O que importava era o conceito, a leitura que o artista fazia da realidade.

Um exemplo disso foi a intervenção de Cildo Meireles que carimbou em notas de dinheiro a pergunta “Quem matou Herzog?¹”.

¹ Vladimir Herzog assumiu na década de 1970 a direção do departamento de telejornalismo da TV Cultura, de São Paulo, era membro do Partido Comunista Brasileiro, passando a atuar politicamente no movimento de resistência contra a ditadura.



Figura 01. Cildo Meireles. Carimbo com frase sobre nota de dinheiro
Ano: 1975. Fonte: Site da Secretaria da Educação do estado do Paraná

Com isso, driblou a censura e levou sua provocação ao público que não frequentava mostras de arte. Houve maior didatismo ideológico, com a oposição política clara e direta ao governo, como na obra de Rubens Gerchman, que consiste em enormes letras, a mostra “Resistir é preciso”, idealizada pelo Instituto Vladimir Herzog esteve exposta em São Paulo (2013), onde a palavra de ordem era “Lute”.



Figura 2. Rubens Gerchman, LUTE, 1968.
Fonte: G1.com

Mesmo com o endurecimento da censura, nos anos 1970, as vanguardas artísticas continuaram a revolucionar códigos. Ainda que dissociadas da ideia de luta e utopia, obras como happenings, performances e conceitualismos geravam conteúdo artístico voltado a esse

descontentamento. Artistas fundamentais da arte contemporânea, como Ivan Serpa, Antônio Dias, Hélio Oiticica e Carlos Vergara, participaram com obras igualmente contestadoras, que romperam com estéticas artísticas importantes, em nome da oposição ao regime. Foi o caso da obra “Tropicália”, de Oiticica, que desencadeou todo um movimento cultural, o tropicalismo. A obra era uma instalação, uma espécie de labirinto sem teto, que remetia à arquitetura das favelas. Em seu interior, havia uma TV que ficava sempre ligada.

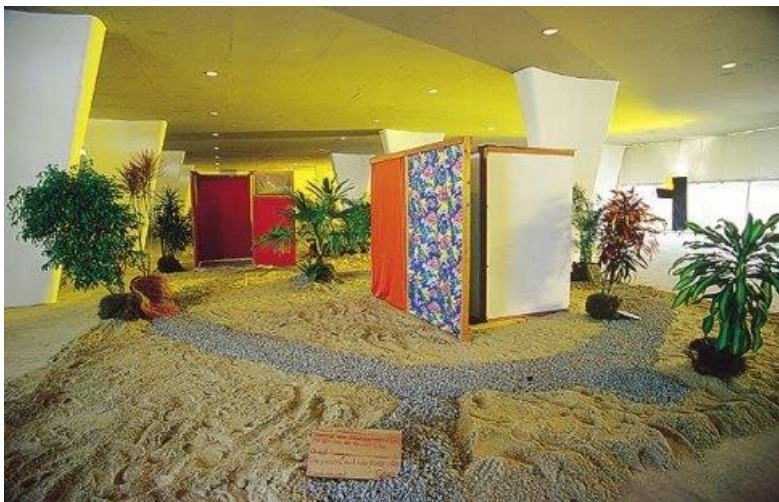


Figura 03. Hélio Oiticica Penetrável Tropicália, instalação, labirinto, interação.
Ano: 2013. Fonte: Site Comunicação e Arte

Houve resistência nas grandes exposições de arte, com repercussão internacional, como o caso da pré-Bienal de Paris, mostra que reuniria os principais expoentes das artes plásticas brasileiras no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, em 1969. Os militares determinaram o encerramento da mostra e, em resposta, os artistas resolveram boicotar a 10ª Bienal de São Paulo, que se realizaria naquele ano. A Bienal foi inaugurada sem protestos, mas também sem obras. Na França, reunidos no Museu de Arte Moderna de Paris, 321 artistas e intelectuais estrangeiros assinavam o manifesto “Não à Bienal”, baseados nas declarações de testemunhas e em documentos que provavam a existência de censura à atividade artística no Brasil. (BIENAL, 2013)



Figura 4. Charge de Mino.
A Tribuna (10 de outubro de 1969) Fonte: Site Bienal

Foram tempos inquietos e que contribuíram para desgastar o regime frente à opinião pública. Ao longo dos mais de vinte anos do período militar no Brasil, as artes visuais reagiram de diversas formas às diferentes conjunturas. Todas elas expressavam de alguma forma, a reação dos artistas ao regime e à censura.

Porém, não dá para dizer que a vanguarda brasileira não tenha sido afetada pelo regime militar. A falta de liberdade para a produção artística e a desestruturação do sistema das artes plásticas no Brasil – com o exílio da crítica, a perseguição dos artistas, entre outros fatores – culminaram numa mudança profunda do significado da arte no país. O chamado “fim das vanguardas” foi percebido mundialmente na década de 1970, mas seu efeito foi particular no Brasil, também por causa do período político.

Havia entre os artistas uma sensação de que toda transgressão e todo experimentalismo estético dos anos 1960 já tinham sido absorvidos pelo mercado e pelo chamado “gosto burguês”, Sem espaço para suas criações e expressões de ideias os artistas passaram a produzir conforme o gosto do mercado.

2. A educação cerceada pelas arbitrariedades da perseguição.

Entre 1964 e 1974, o país passava por um momento de forte repressão política, quando era proibida qualquer forma de expressão ou manifestação de ideias contrárias ao poder instituído, ou que representassem uma ameaça ao regime vigente. Embora este estudo

dê ênfase ao período que compreende a Lei 5.692/71, é relevante conhecer os antecedentes históricos do processo de implantação da disciplina de Educação Artística, como componente curricular, bem como, o que sucedeu no período mais crítico da repressão. Para viabilizar a execução da lei anteriormente citada, o governo federal estimulou a criação de cursos universitários de licenciatura, afim de qualificar os profissionais e atender à demanda pelo ensino de educação artística, exigida por lei. Declara Barbosa (2003, p.10).

O golpe civil de 64 perseguiu, sistemática e violentamente, os educadores cujo pensamento e ação julgava subversivos e contrários aos alegados “interesses nacionais”. O governo imposto pelas armas atingiu, logo de início, três grandes educadores brasileiros: Darcy Ribeiro, Anísio Teixeira e Paulo Freire.

Antropólogo e educador, Darcy Ribeiro foi ministro da educação e cultura do governo João Goulart (1962 e 1963) e também chefe da casa civil (1963 até o golpe). Era um militante pela educação laica, pública e gratuita. Por isso, foi um dos primeiros alvos do golpe de 1964, com seus direitos políticos cassados pelo AI-1.

As ideias de Darcy Ribeiro se alinhavam às dos educadores mais empenhados na modernização e democratização da educação brasileira, participando da criação do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE). Os centros visavam a promover pesquisas e diagnósticos sobre a realidade educacional brasileira e seus problemas locais, regionais e nacionais, com objetivo de fundamentar as reformas. Entre as propostas de Darcy, se destacaram os CIEPs (Centros Integrados de Ensino Público).

Logo após o golpe de 1964, Darcy exilou-se em Montevideu com Jango. O exílio tornou-se confinamento em 1966, quando o Uruguai cedeu às pressões da ditadura brasileira e o impediu de deixar o país. Dois anos depois, retornou ao Rio de Janeiro e foi preso por “infringir a Lei de Segurança Nacional”, passando nove meses no cárcere. Ao ser solto, em 1969, exilou-se na Venezuela, passando também pelo Chile, onde trabalhou como assessor do governo do socialista Salvador Allende.

Outro importante educador do período pré-golpe foi Anísio Teixeira. Na sua trajetória, foi secretário de educação do Estado da Bahia e do Rio de Janeiro, coordenador da CAPES(Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior) e diretor do INEP(Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais), que hoje leva seu nome.

Desde sua participação no movimento da “Escola Nova”, preocupava-se em não “copiar modelos” nem romantizar sua tarefa, desenvolvendo propostas originais e concretas para resolver os problemas educacionais brasileiros, tais como a Escola Parque da Bahia e o próprio CBPE.

Anísio e Darcy foram idealizadores da Universidade de Brasília (UnB), inaugurada em 1960, com a expectativa de articular ensino, pesquisa e extensão e democratizar a política universitária, com eleições para cargos diretivos. Em 1965, porém, sob a ditadura civil-militar a universidade sofreu intervenção, Anísio Teixeira foi destituído do cargo de reitor e a experiência da UnB foi interrompida.

Logo no começo da ditadura, o professor Anísio Teixeira foi destituído de todos os seus cargos. Também teve os seus direitos políticos cassados pelo Ato Institucional no 1 (AI-1). Tragicamente, em março de 1971 foi encontrado morto no fosso de um elevador em circunstâncias consideradas obscuras. Embora o laudo da perícia tenha apontado morte acidental, há suspeitas de que tenha sido vítima das forças de repressão do governo Médici.

A ditadura interrompeu também as experiências de alfabetização de adultos de Paulo Freire, coordenador do Programa Nacional de Alfabetização (1964), cujas principais inovações eram a substituição das cartilhas e livros-texto por um trabalho pedagógico com “palavras geradoras”, extraídas da linguagem corrente dos grupos locais e com a ênfase na relação dialógica com as experiências de vida dos professores, estudantes e familiares.

Com isso, Freire propunha trazer a leitura e a escrita para o universo mais pessoal de cada educando, tendo como objetivo a apropriação crítica das suas reais condições de vida. Sua proposta de Educação Popular se baseava na ideia de que o conhecimento era emancipador. A educação do povo abriria caminhos para luta social contra as desigualdades culturais e econômicas, pois os pobres libertariam suas capacidades políticas mais criativas através do conhecimento. Dizia que “a educação sozinha não muda a sociedade, mas sem ela tampouco a sociedade muda”. No lugar dos programas desenvolvidos por Freire, porém, a ditadura impôs a Reforma Universitária (Lei 5.440/68) e o sistema Mobral, substituindo o método freireano por técnicas tradicionais de alfabetização.

Paulo Freire teve destino semelhante: indiciado em Inquérito Policial Militar, exilou-se sucessivamente na Bolívia, Chile, Estados Unidos e Suíça, retornando ao Brasil somente

em 1979. O manuscrito de uma de suas principais obras, “Pedagogia do Oprimido”, só pode ser preservado pela ação cuidadosa do seu amigo chileno Jacques Chonchol, que levou o texto original consigo no exílio na Europa. Tanto a perseguição desses educadores, como a interrupção abrupta de projetos voltados a uma reforma popular e democrática do ensino já prenunciavam os tempos sombrios que a educação brasileira viveria sob a ditadura.

Sobre o ensino de arte dentro desse contexto histórico, podemos ainda observar através de uma entrevista concedida a UNIVESP, em 14 de outubro de 2015, pela arte educadora Ana Mae Barbosa onde menciona sobre o ensino do desenho como disciplina relacionada ao ensino de arte, mais precisamente até o ano de 1971, e que a partir de 1973 começaram os cursos de Educação Artística (durante a ditadura), após esse período houve um movimento para que a arte no currículo se chamasse arte educação que foi um termo utilizado em 1948 após a “libertação do Estado Novo²”. (BARBOSA, 2015)

3. Considerações finais

Procuramos, com esse trabalho, averiguar o processo educativo em arte no período da ditadura militar no Brasil (1964 – 1985), e entender as relações de ideais libertadores que repercutiram no cerceamento da liberdade de expressão, bem como nas criações artísticas em todo o país, nos aproximando de como foi na cidade de Pelotas, e compreender se aqui foi diferente para a história da educação artística ou quais as implicações que esse sentimento de repressão pode refletir nesta cidade.

REFERENCIAIS

Livros

FAN, Sofia. Ana Mae Barbosa. **Arte-Educação no Brasil: Realidade hoje e expectativas futuras.** (p.170-182)

FERRAZ, M. H.C.T; FUSARI, M.F.R. **Metodologia do ensino de arte.** São Paulo: Cortez, 1993.

FREIRE, P. **Ação Cultural para a Liberdade.** Rio de Janeiro. Ed. Paz e Terra, 1982. (p. 89-90)

² O Estado Novo foi a terceira e última fase da Era Vargas. Durou de 1937 a 1945 e sucedeu, portanto, as fases do Governo Provisório (1930 a 1934) e do Governo Constitucional (1934 a 1937). A característica principal do Estado Novo era o fato de ter sido propriamente um regime ditatorial inspirado no modelo nazifascista europeu, então em voga à época. (FERNANDES, 2018).

GALVÃO, A.M.O.; LOPES, E.M.T.; **Território plural**: a pesquisa em história da educação. Ed. Ática, 2010. (p.83-94)

NAPOLITANO, M. **O regime militar brasileiro**: 1964-1985. São Paulo. SP. Ed. Atual, 1998.

OLIVEIRA, Samuel Silva Rodrigues de. **Revista de História**, São Paulo, SP.

REIS, D.A.; RIDENTI, M.; MOTTA, R.P.S. **A ditadura que mudou o Brasil** – 50 anos do golpe de 1964. Rio de Janeiro, RJ. Ed. Zahar, 2014.

Teses, Artigos ou Dissertações:

FURLAN, Elisângela. **O ensino de Educação Artística durante a Ditadura Civil – Militar Brasileira**: impactos da legislação educacional. 2015, Cascavel, PR. acesso em 02/11/2018

SILVEIRA, Marília Brandão Amaro da. **A Resistência ao Golpe e Ditadura Militar em Pelotas**: reflexões sobre uma cidade do interior e próxima à fronteira. 2010, ANPUH, Santa Maria, RS. Disponível em:
http://www.eeh2010.anpuhrs.org.br/resources/anais/9/1279499337_ARQUIVO_artigomarilia.pdf. Acesso em: 08/11/2018.

Sites

A obra de Cildo Meireles. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php>. Acesso em 12/11/2018.

Ditadura militar na educação brasileira. Disponível em:
<http://www.arquivonacional.gov.br/br/consulta-ao-acervo.html>. acesso em: 28/10/2018.

Hélio Oiticica. Disponível em <http://bravonline.abril.com.br/materia/helio-oiticica-museumundo>. acesso em: 30/10/11/2018